

## O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades

MASCARENHAS, Gilmar, BIENENSTEIN, Glauco e SANCHEZ, Fernanda (org), *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*, Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2011, 216p.

Por Rafael Soares Gonçalves<sup>1</sup>

A cidade do Rio de Janeiro está se preparando para receber uma série de eventos internacionais, dentre os quais alguns dos eventos esportivos mais importantes do mundo. Além de ter sediado os Jogos Pan-americanos de 2007 e os Jogos Militares de 2011, a cidade receberá a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo em 2014 e, por fim, os Jogos Olímpicos de 2016. A preparação para receber tais eventos está provocando mudanças profundas na forma de pensar e planejar a cidade. O livro “O Jogo continua: Megaeventos esportivos e cidades”, organizado pelos professores Gilmar Mascarenhas, Glauco Bienenstein e Fernanda Sanchez, procura analisar os diversos impactos que esses megaeventos impõem às suas cidades sedes a partir do caso do Rio de Janeiro.

Os investimentos bilionários para receber os megaeventos esportivos se justificam pela possibilidade de atrair investimentos privados e de melhorar a infraestrutura local. A perspectiva de organizar tais eventos se anuncia como uma oportunidade ímpar de reaquecer a economia e de reforçar a imagem internacional da cidade que os abriga. Consta-se, segundo os autores, “a dimensão simbólica adquirida por tais eventos, capazes de atrair as atenções em todo o planeta, promovendo fantásticos rituais periódicos, sem parâmetros de comparação com nenhum outro fenômeno social.” (p.17) Esses eventos se caracterizam, assim, segundo os autores, como instrumentos privilegiados para o exercício do *city marketing* no contexto atual competitivo de nossos dias (p.20).

Essa obra coletiva é fruto do trabalho de pesquisa, que vem sendo realizado por pesquisadores e estudantes de diversos laboratórios de pesquisa e programas de pós-graduação de três instituições de ensino (UFF, UERJ e UFRJ). O esforço dos autores em compreender os impactos dos grandes eventos internacionais no planejamento e produção das cidades se pauta em alguns questionamentos devidamente elencados na introdução da obra (p.20 e 21). Assim, essa coletânea procura: i) sublinhar os diversos impactos produzidos pelos eventos esportivos, inclusive aqueles de natureza simbólica para a cidade e o país que os recebem, ii) elencar os agentes e interesses envolvidos na produção e na organização dos eventos esportivos, iii) analisar a experiência brasileira na organização de tais eventos, iv) determinar as respectivas respostas da sociedade civil às dinâmicas impostas pelos megaeventos esportivos e, por fim, v) analisar os legados dos Jogos Pan-americanos de 2007 para o Rio de Janeiro, assim como empreender uma primeira reflexão sobre as perspectivas futuras para a cidade com a organização dos Jogos Olímpicos de 2016.

O livro se estrutura em duas grandes partes com 12 artigos ao todo. A primeira parte, composta de 6 artigos, analisa os impactos urbanos dos eventos esportivos, valorizando, em uma perspectiva histórica, a influência desses eventos no planejamento das cidades. A segunda parte se foca, sobretudo no caso do Rio de Janeiro e, em especial, na experiência da cidade na preparação dos Jogos Pan-americanos de 2007.

Um primeiro aspecto que merece ser valorizado no livro é o seu esforço de pensar os megaeventos em uma perspectiva histórica, conforme se observa no artigo “Desenvolvimento urbano e grandes eventos esportivos: o legado olímpico nas cidades”, de autoria de Gilmar Mascarenhas. O olhar histórico do movimento olímpico permite situá-lo em contextos políticos e sociais mais amplos, que ultrapassam largamente os interesses esportivos em jogo. Alguns desses eventos são bem conhecidos, como as elucubrações racistas da Alemanha nazista durante a olimpíada de Berlim, em 1936, os atentados contra os atletas de Israel em Munique, em 1972, ou então os boicotes das grandes potências mundiais durante a Guerra Fria, por parte dos americanos, nos Jogos de Moscou, em 1980, e pelo bloco soviético, em Los Angeles, em 1984.

No entanto, conforme bem analisa o artigo supracitado, os Jogos Olímpicos influenciaram, sobretudo a história local das cidades sedes e trouxeram novas demandas que nortearam, em parte, a maneira de se planejar essas cidades.

O caso mais emblemático da influência de uma olimpíada nos rumos de uma cidade foi o caso de Barcelona. Os jogos trouxeram fortes impactos urbanos na cidade catalã com a retórica de ressurgimento urbano e da renovação de áreas consideradas abandonadas. As olimpíadas são, assim, consideradas como uma enorme oportunidade para dinamizar as cidades e estimular o crescimento econômico. Barcelona tornou-se uma espécie de modelo, que se impôs, através do trabalho dos consultores internacionais, a diversas cidades no mundo, inclusive o Rio de Janeiro, como exemplo do poder reformador de uma olimpíada. O artigo “O ideário urbanístico em torno do olimpismo: Barcelona (1992) e Rio de Janeiro (2007)” faz uma crítica a importação do modelo de Barcelona pelo Rio de Janeiro. Segundo o autor (p.48), “em síntese, o urbanismo olímpico dos Jogos de 1992 reflete, de modo geral, a nova era: articulação de interesses privados, monumentalidade e projeção urbana.” O Rio de Janeiro, por sua vez, a partir da organização dos Jogos Pan-americanos traçaria o caminho de Barcelona em vista de um “urbanismo mercadófilo”. (p.50)

Além da perspectiva internacional, a obra procurou situar a experiência brasileira na preparação de eventos esportivos. O artigo “Os Jogos Pan-Americanos de 1963”, também de autoria de Gilmar Mascarenhas, reconstrói a história, aliás, um pouco esquecida, da organização desses jogos em São Paulo. Ele sublinha, ainda, a importância política desse evento e afirma que

“a realização do Pan-63 se insere plenamente no processo de afirmação da prática institucionalizada (e, portanto, tutelada pelo Estado) dos esportes, em detrimento das práticas populares, informais e não obedientes às regras estabelecidas, nelas incluindo os espaços destinados a tais práticas.” (p.88).

Da mesma forma, em outro artigo da coletânea, “Inventando a “cidade esportiva” (futura cidade olímpica): grandes eventos e modernidade no Rio de Janeiro”, Gilmar Mascarenhas continua a reflexão histórica e faz um apanhado de vários eventos esportivos que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro, como o IV Campeonato Sul-Americano de Seleções Nacionais de Futebol, em 1919. Dentro do contexto dos festejos do centenário da independência, em 1922, a cidade sediou mais um Campeonato Sul-Americano de Seleções Nacionais e os Jogos Latino-Americanos, “espécie de primeira olimpíada continental, considerados precursores dos Jogos Pan-Americanos, que surgiriam somente em 1951.”(p.61).

Apesar do esforço em empreender uma reflexão histórica, sente-se falta no decorrer do livro de uma reflexão mais aprofundada sobre os preparativos e os impactos da organização da Copa do Mundo de 1950, que, além de ter se tornado uma data importante para a história da cidade e do país, deixou como legado o até então maior estádio do mundo, o Maracanã.

Outro aspecto importante da coletânea é o esforço em compreender a complexidade do fenômeno da organização dos megaeventos esportivos a partir de dimensões distintas. O artigo coletivo “Jogos Pan-Americanos Rio 2007: um balanço multidimensional” identifica as seguintes dimensões: política, institucional, simbólica, arquitetônico-urbanística, fundiária, socioambiental e econômico-financeira. Dentro dessa premissa multidimensional, o artigo conclui que as intervenções realizadas para o Pan-Americano de 2007 mostraram-se pontuais e fragmentárias, sem apresentar uma visão global do espaço urbano nem a pretensão de reestruturá-lo com algum objetivo (p.119). Os maiores beneficiados foram certamente as empresas de construção civil e os incorporadores imobiliários.

A partir dessas múltiplas dimensões, a coletânea dá uma ênfase extremamente pertinente à mobilização popular, conforme nos sugere o último artigo da primeira parte do livro “Megaeventos e metrópoles: insumos do Pan-2007 e perspectivas para as Olimpíadas de 2016”. Também de autoria coletiva, esse artigo retrata a história recente dos megaeventos no Rio de Janeiro desde os Jogos Pan-Americanos de 2007 até a escolha da cidade para as Olimpíadas. Sublinha-se, nesse artigo, a perspectiva da resistência popular, sobretudo pela mobilização do Comitê Social do Pan em relação aos pretensos legados dos jogos. Compreende-se que esses legados são amplamente comprometidos pelo valor elevado dos gastos públicos, pelo superdimensionamento dos equipamentos esportivos, o elevado custo de sua manutenção e o grande número de pessoas atingidas pelas obras de preparação dos eventos. Essa importante mobilização popular se manteve no Rio de Janeiro e se espalhou às demais cidades sedes da Copa do Mundo.

No contexto da mobilização popular, podemos citar também o artigo de Gilmar Mascarenhas, Fátima Borges e Carla Nogueira Marques “Como ficam os movimentos sociais em tempos de empreendedorismo urbano? Conflitos e articulações por ocasião do Pan-2007” que faz um apanhado sobre os movimentos sociais no contexto do Pan-2007, analisando mais especificamente o caso da mobilização

contra o projeto urbanístico da nova Marina da Glória. O artigo faz uma análise interessante das formas atuais de mobilização: “Aos movimentos sociais, resta o complexo desafio da articulação em rede e o estado de mobilização capaz de responder com agilidade a esse modelo avassalador e essencialmente excludente de produzir a cidade.” (p.213).

Da mesma forma, o artigo “Pan Rio 2007: manifestações e manifestantes” de Guilherme Marques, Danielle Barros de Moura Benedicto e Bruno Lopes faz um grande levantamento da mobilização popular no contexto do Pan-2007, constatando a formação de redes de movimentos sociais. Segundo os autores, deve-se ressaltar “outro aspecto marcante ligado à conjuntura de fragmentação nos movimentos sociais no Rio de Janeiro: a ocorrência de uma série de iniciativas que buscam aproximar diferentes movimentos e entidades por meio da construção de campanhas e fóruns temáticos de luta... “A constituição desses fóruns comprova a fragmentação atual dos movimentos sociais, mas também uma vontade política de uma atuação mais unificada.

A obra enfatiza, ainda, os impactos do Pan-2007, que foi objeto de análise de vários artigos, sobretudo daqueles que compõem a segunda parte da obra. O artigo coletivo “Grandes projetos: transformações e rupturas nos espaços urbanos – o caso do Engenho no Engenho de Dentro, RJ” analisa, por exemplo, os impactos da instalação dos Grandes Projetos Urbanos (GPU), tendo como foco de análise a construção do Estádio João Havelange. Segundo o artigo, os GPUs promovem rupturas e impactos em várias dimensões na dinâmica do bairro. Além dos impactos viários, a construção do Estádio João Havelange trouxe fortes impactos à dinâmica do mercado imobiliário local, provocando valorização excessiva do solo. Por sua vez, o artigo “O que está em jogo? Contradições, tensões e conflitos na implementação do Pan-2007” estende a reflexão dos impactos urbanos ao conjunto da cidade. Segundo o artigo, o modelo urbanístico adotado no Pan-2007 distribuiu os equipamentos em quatro anéis: i) Anel Deodoro (Complexo Esportivo Miécimo da Silva e Complexo Esportivo Deodoro); Anel Maracanã (Complexo Esportivo João Havelange e Complexo Esportivo do Maracanã); Anel Pão de Açúcar (Sambódromo, Marina da Glória e Parque do Flamengo) e Anel Barra (Complexo Autódromo, Centro Esportivo Cidade do Rock e Riocentro). A partir das intervenções públicas e dos respectivos conflitos sociais por eles provocados, o artigo procura desmistificar a ideia que o Pan-2007 foi uma iniciativa inclusiva, voltada para todos:

“Isso desconstrói o aparente consenso e constrói uma ideia de cidade justa, voltada para a construção da cidadania, o que gera uma reivindicação por espaços de expressão de conflitos e faz os processos decisórios em nossa cidade serem mais flexíveis e democráticos.” (p.234).

Apesar de usar uma gama variada de teóricos, a coletânea prioriza o pensamento de David Harvey, procurando relacionar o paradigma de cidade empreendedora e o processo de organização dos megaeventos esportivos. O artigo “Conflitos no ordenamento territorial em grandes eventos esportivos”, de autoria de Sávio Raeder, retoma o pensamento de Harvey, dando ênfase a sua abordagem da acumulação por espoliação. A partir do pensamento de Harvey, o autor sugere que muitos gestores urbanos lutam para sediar Jogos em suas cidades pautados em mecanismos de city marketing, “que podem ser utilizados como hábeis recursos para a espoliação das cidades.” (p.268). Segundo o autor, as contradições locais ficam ainda mais exacerbadas no processo de organização dos megaeventos, apesar do discurso dos gestores sobre os pretensos legados sociais desses eventos: “Em outros casos, os conflitos urbanos que já existiam na cidade-sede se tornam mais evidentes no período de realização do megaevento, revelando a vidraça que pode ser a embelezada vitrine da urbanização.” (p.284).

Diante do número grande de artigos e de autores, a obra carece de uma maior edição do material final. Seria interessante ter um maior número de referências cruzadas aos próprios textos da coletânea, o que reduziria algumas repetições. No entanto, essa questão não diminui absolutamente em nada a riqueza e a importância do material apresentado brevemente aqui. Enfim, a presente obra se coloca como pioneira no enfrentamento das distintas questões suscitadas pela preparação dos megaeventos esportivos no Brasil, tendo como foco privilegiado de análise a cidade do Rio de Janeiro. Destacam-se, igualmente, as posições teóricas assumidas, a riqueza das análises efetuadas, o excelente trabalho de campo e a pertinente pesquisa bibliográfica.

## Nota

- 1 Jurista e historiador pela Universidade de Paris VII, é professor do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. E-mail: rafaelsg@puc-rio.br.